OS CLÁSSICOS DA GEOGRAFIA E SUAS CONTRIBUIÇÕES PARA FORMAÇÃO DE PROFESSORES NO CURSO DE GEOGRAFIA DA UNIVERSIDADE ESTADUAL VALE DO ACARAÚ – UVA (Sobral-CE/Brasil)

Valdelúcio Fonseca
Graduando em Geografia pela Universidade Estadual Vale do Acaraú – UVA
Bolsista IC/FUNCAP
Brasil

Isorlanda Caracristi
Doutora em Geografia Física pela USP
Docente do Curso de Geografia da Universidade Estadual Vale do Acaraú – UVA e professora do Mestrado em Geografia da UECE – MAG/UECE
Brasil

1. INTRODUÇÃO

As diversas mudanças que vêm ocorrendo na Geografia fazem com que sejamos tomados por dúvidas, e nos perguntemos de forma reflexiva: O que é a Geografia enquanto ciência? Qual a importância de sua história? Para quê ela serve? A quem ela serve?[1] Esses tipos de perguntas fazem os geógrafos buscar as respostas e pensar a geografia em sua essência e assim balizar a sua prática.

O contexto social-histórico contemporâneo é radicalmente diverso daquele em que a ciência geográfica emergiu no âmbito das ciências modernas. As mudanças compõem todo o processo que envolve o saber geográfico em seus diversos momentos históricos e cada momento, por sua vez, é expressado por uma corrente filosófica (da geografia) incorporando as características de cada época, e acompanhando a dialética das transformações, um pensamento vai superando outro, e desta forma a ciência se renova, se reconstrói, cria novas leituras de mundo, mas também resgata o antigo (no sentido de ter passado historicamente) e produz releituras

[1] Essas perguntas encontra-se no primeiro capitulo do livro “O que é Geografia”, MOREIRA (2009), versão digital.

(re)produzindo conhecimento contemporâneo a partir das idéias herdadas: muito do que se está criando de novo, hoje, na ciência geografia, é produto de releituras de seus clássicos, ou seja, sob nova perspectiva teórica, os clássicos e suas correntes de pensamento são revisitados, resgatados, gerando novas possibilidades de conhecimento geográfico.

Na formação acadêmica esse processo evolutivo, geógrafos e correntes/linhas geográficas, são esclarecidos e estudados na disciplina de "História do Pensamento Geográfico", por isso, essa disciplina merece toda a atenção a ser pesquisada, principalmente por questões relacionadas à sua importância curricular: o conteúdo trabalhado e a metodologia de abordagem são básicos para a formação inicial do professor de geografia, afinal ela é a disciplina responsável em introduzir os cernes dos pensadores e da história da geografia como ciência, se tornando uma porta para a tomada de consciência da ciência geográfica.

É importante que se leve em consideração que a referida disciplina toma uma dimensão maior quando considerada no contexto do projeto político-pedagógico dos cursos de geografia, e não apenas como disciplina isolada de uma matriz curricular, pois ela é formadora de opinião e dá direcionamento aos pensamentos sobre a geografia. A disciplina de "História do Pensamento Geográfico" (HPG), como é mais amplamente conhecida, é também denominada em alguns cursos de "Introdução ao Pensamento Geográfico" (IPG), como é o caso do Curso de Licenciatura em Geografia da UVA. Essa, disciplina, atualmente, está sendo alvo de muitas reformulações, exatamente devido às "releituras" e "revisitações" mencionadas anteriormente, e uma das maiores críticas advém da ausência da consulta das matrizes originárias do pensamento geográfico.

O atual contexto histórico de falência/crise do modelo político e econômico vigente – está impulsionando a sociedade a questionar o futuro e a olhar para o passado, e repensar seus conceitos, valores, atitudes e pressupostos ideológicos, e tal repensar vem atingindo também a ciência. Daí o motivo da retrospectiva crítica de suas matrizes clássicas promovidos pelos mais diversos centros de estudos geográficos da academia brasileira e internacional. Porém, no âmbito da formação do professor, os cursos de licenciatura em Geografia, de modo geral, não estão em consonância com esse

movimento, mantendo ou pouco desfazendo a visão maniqueísta e superficial de se tratar os chamados "*geógrafos tradicionais*" ou "*geografia tradicional*."

Pela problemática acima exposta e estando de acordo com aqueles que consideram de grande importância para a formação profissional, seja licenciado ou bacharel, o estudo crítico dos clássicos da ciência geográfica, nos motivamos a desenvolver a presente pesquisa, estabelecendo como objetivo geral: verificar como os clássicos da Geografia tradicional são trabalhados na disciplina de "**Introdução ao Pensamento Geográfico"** e em segundo plano, analisar a importância do pensamento geográfico para o professor de geografia.

2. A GEOGRAFIA TRADICIONAL E A CONSOLIDAÇÃO DA CIÊNCIA GEOGRÁFICA

Compreender a Geografia como ciência, faz com que a vejamos como um processo histórico levando em consideração que o seu objeto de estudo é conferido na realidade espacial que é processada pelas relações conceituais que representam cada momento da evolução do pensamento geográfico: Homem x Natureza, Sociedade x Natureza, Sociedade x Espaço, dentre outras. Logo, estudar a História do Pensamento Geográfico – HPG é estudar a essência originária da Geografia, isso faz com que concordemos com Andrade (Andrade *apud* Carvalho 2009, p.12): "não se pode saber Geografia, senão estudar a história do pensamento geográfico".

Esse processo conta com vários fatos que foram efetivos para construí-la passo a passo, desde os relatos dos viajantes há vários séculos atrás, a institucionalização científica do saber geográfico, o movimento de renovação da Geografia. Tudo que ocorreu, era postulado em alguma produção acadêmica que delimitava em determinada época o "pensar e fazer" geográficos: "o pensamento geográfico apenas torna-se inteligível dentro da realidade espacial na qual historicamente está inserida" (Cavalcante, 2009). Devemos salientar que o saber geográfico é um fator construtor da própria história do pensamento geográfico, se iniciando bem antes da sistematização ou institucionalização da geografia enquanto campo científico,

A construção do saber Geográfico teve sua gênese muito antes de sua institucionalização, que só ocorrerá no final do século XVIII

> com Kant. Foi com a civilização sumeriana que o mundo conhecera a primeira representação cartográfica do mundo. É o mapa o anuncio da geografia. Entretanto, o maior legado da antiguidade referente às ciências de modo geral e ao conhecimento geográfico foi dado pelos gregos, pois tal conhecimento, naquele momento histórico, era de importância *sin ne qua nom* para os mesmos, devido a sua própria estrutura social - entre senhores- políticos- religiosos- intelectuais- escravos, sua constante busca pela expansão territorial e pelo fato da intensificação das atividades comerciais e de colonização da época. (CAVALCANTE, ibidem.)

Porém, o trabalho aqui redigido está focado no período clássico da Geografia como ponto de partida, onde podemos identificar os conhecimentos gerados nesse período que adentrou no processo de institucionalização e sistematização da Geografia como ciência moderna. Esse período, que de certo modo, pode ser observado como um dos grandes passos da ciência geográfica, afinal, a inserção da mesma nas universidades, inicialmente, na Alemanha, e posteriormente na França, e conseqüentemente noutras instituições, fizeram com quê a Geografia se tornasse um campo de atuação, abrindo-se um leque de idéias ampliadoras dos debates geográficos. Reafirmando que a gênese da Geografia não está simplesmente submetida aos fatos e conhecimentos gerados e pleitados naquele contexto histórico, pois, ficou marcado por uma conjuntura que assimilava as idéias da “Revolução Científica Positivista”, e assim resultando na profissionalização e institucionalização da prática cientifica, e essas práticas ainda avançaram para o século posterior, e foram de suma importância para historia da geografia.

Os avanços teórico-metodológicos da Geografia passaram por uma espécie de metamorfose entre/durante os últimos tricênios do século XIX e do século XX, refletindo efetivamente em sua estrutura. O primeiro momento, referente ao fim do XIX, é marcado pela sistematização da Ciência em campos específicos do conhecimento, uma “modernização da ciência” ou a ciência moderna. Logo, a ciência moderna fundamentou-se no rigor dos procedimentos e na busca da verdade/explicação irrefutável dos fatos, assentando-se sobre dois suportes principais, o filosófico e o científico propriamente dito. O primeiro suporte é definido como *estrutura filosófica*, constituindo-se de princípios, leis, categorias universais, que norteiam a reflexão das práticas, a racionalização das ações. O segundo suporte é a *estrutura científica,* vista como um sistema ordenador dos conhecimentos, composto por três componentes que agem

reciprocamente: os conhecimentos empíricos, a obtenção/sistematização metódica dos conhecimentos e os princípios teóricos.

As Geografias Clássicas (corrente tradicional), determinadas pelos princípios geográficos, levavam em conta este processo combinatório, onde o conhecimento geográfico era construído e balizado de forma crescente, até assumir valores mais absolutos, portanto, mais verdadeiros e irrefutáveis: o conhecimento geográfico precisava ser metodologicamente homogeneizado ou "legalizado" sob a égide dos princípios próprios da Geografia, para que a sua contribuição fosse verdadeiramente científica, ou seja, as estruturas e processos das ciências naturais e exatas eram os delineadores do caráter científico do conhecimento, servindo como critérios gerais/universais de "cientificidade". A ciência moderna exigia uma ordem geral racional para o reconhecimento e o status de "ciência". Dentro desses "padrões" científicos, a Geografia em seu processo de sistematização e, principalmente, de consolidação como área autônoma de conhecimento, produziu seus princípios ou leis que a identificariam de forma inequívoca no contexto científico. Desde a segunda metade do século passado até os primeiros anos do Século XX, consolidou-se a idéia de que o método geográfico se baseava nos cinco princípios elaborados por grande pensadores alemães, como Alexandre Humboldt, Karl Ritter, Freidrich Ratzel, e também por grandes geógrafos franceses como Vidal de La Blache e Jean Brunhes. Os princípios clássicos da geografia têm uma grande relação entre a compreensão dos objetos de estudos geográficos, as reflexões teórico - metodológicas e os contextos históricos de suas formulações. Esse período da história da Geografia ficou sendo intitulado como corrente tradicional. Faz-se necessário ressaltar, que o período tradicional da geografia estava composto por diversos intelectuais, tais, como Alfred Hettener, Karl Ritter, Alexander Von Humboldt, Vidal de La Blache, Max Sorre, Piort Kropotkin, Elisée Reclus, Varenius, Freidrich Ratzel, G. Johstohn, Jean Brunhes, Richard Hartshorne, Jean Tricart, Pierre George, dentre outros aqui não citados.

Dentre eles, os geógrafos que são os conceituadores dos princípios geográficos que formalizavam o método geográfico, permitindo grandes avanços na ciência geográfica. Ainda nesse momento, surgiram as

“Sociedades Geográficas” e “Uniões de Geografia”, em relação às sociedades geográficas MOREIRA (2009) afirma,

> As primeiras Sociedades de Geografia têm sua fundação na primeira metade do século XIX: a Sociedade Geográfica de Paris é fundada em 1821, a Sociedade de Geografia de Berlim em 1828, a Real Sociedade de Geografia de Londres em 1830 (mas seu embrião é a African Association for Promoting the Discovery of the Interior Parts of África, criada em 1788) e a Sociedade Geográfica Russa de São Petersburgo em 1845. Daí para frente sua distribuição geográfica e seu número se ampliam, muitas sociedades surgindo em diferentes localidades de um mesmo país. Destacam-se a Sociedade Americana de Geografia de Nova Iorque, fundada em 1852, a Sociedade de Geografia de Genebra, em 1858, e a Sociedade Geográfica de Madri, em 1876. (MOREIRA, p.7, 2009)

Essas sociedades e uniões tiveram grande e direta participação na institucionalização científica da geografia e atuaram na proposição das características metodológicas da ciência geográfica.

Em meados da década de cinqüenta e anos subseqüentes, o mundo passava por um momento de transformações econômicas e sociais herdadas da Segunda Guerra Mundial. Naquela época ocorria na ciência geográfica o movimento de renovação da geografia tradicional, principalmente do que se refere às questões metodológicas, a partir de uma concepção “não descritiva” da realidade, gerando novas perspectivas, tais como a Geografia Teorética ou Quantitativa, que dava ênfase às simulações espaciais e à criação e aplicação de modelos espaciais em detrimento do método descritivo e taxonômico de seus antecessores.

Não aderindo a essa renovação materializada pela Geografia Quantitativa, geógrafos chamados de “radicais” ou “marxistas” desenvolveram a Geografia Radical e a Geografia Crítica. Portanto, tais geografias surgiram como uma ferramenta que pode ser utilizado pelas sociedades como forma de mudança de paradigmas desse modelo capitalista, que só elevou as desigualdades entre as nações, e que necessita uma resposta científica mais radical e politizada.

A corrente radical marxista da geografia manifestava-se contra o discurso conservador da chamada geografia tradicional, que não discutia as desigualdades sociais, a concentração de terras, a crescente e acelerada urbanização fruto do sistema capitalista, que chegava a um dos seus estágios mais predatórios, a realidade não era mais a mesma, como desde então a

ciência geográfica também não poderia ser, naquele momento a produção e discussão acadêmica tinham que discutir a realidade vivida e suas contradições sociais. Conforme Mendonza (1986, p. 7), "*toda teoria científica está influenciada por códigos culturais da sociedade que a produz, e nesse sentido, produção e produção científicas tem a ver com produção e reprodução sociais*".

Bem, a partir daí, os clássicos da geografia tradicional foram encarados como meros estudos classificatórios espaciais, compreendidos como "pré-críticos" (quase como sinônimos de "não-críticos"), e ganha ênfase a dicotomia da geografia tradicional versus geografia crítica. Enquanto a geografia crítica amplia seu espaço nas produções acadêmicas, a geografia clássica vai sendo desvalorizada. Com essa situação perde-se o real valor das contribuições científicas, produzida por Ratzel, Vidal de La Blache, Humboldt, Ritter, J. Brunhes, entre outros, como se essas produções fossem ultrapassadas, e que apenas a produção contemporânea fosse a ideal para uma abordagem cientifica dos estudos geográficos. Resultando numa menor procura das produções cientificas dos autores clássicos da Geografia.

A produção e saber geográficos de cada época são conhecimentos gerados por valores sociais–históricos, dentro de uma realidade espacial específica, esses conhecimentos são reflexos de diferentes contextos metodológicos e podem se traduzir nas relações entre sujeito versus objeto, tais como "homem x natureza, sociedade x natureza, sociedade x espaço", que materializam as várias formas de se analisar o espaço geográfico. As palavras de GUSMÃO; SOUZA; SILVA SANTOS; VENTURINI (2009) exemplifica essa relação do conhecimento produzido e seu contexto histórico,

> As idéias são sempre fruto de uma dada realidade, a sociedade muda e com ela as suas convicções, necessidades; verdades consideradas como sendo absolutas num período são posteriormente superadas por outras. A ciência por sua vez acompanha essas transformações, métodos de análise, teorias utilizadas num dado momento, são posteriormente questionadas e superadas. Esse movimento existente na ciência é de grande importância para a produção de conhecimento, o que se questiona é a favor de quem esse conhecimento desenvolvido é utilizado. A Geografia como uma ciência não é diferente, vivenciou vários períodos sendo desenvolvido em cada contexto formas de se analisar o espaço geográfico que por mais que se pareçam ingênuas encontram-se dotadas de ideologia, seja para mascarar a verdadeiro papel desempenhado pelo Estado, para defender o imperialismo,

> para ser utilizada com fins de planejamento estatal, mas também há o outro "lado" da Geografia a que procura questionar a realidade e propõe uma mudança na sociedade" (GUSMÃO; SOUZA; SILVA SANTOS; VENTURINI, p.9, 2009).

A releitura de todo esse processo de transformações, como já dissemos, atualmente alimenta as discussões sobre a história do pensamento geográfico e suas produções, fazendo com que a HPG virasse um tema crescente de pesquisa geográfica, principalmente nos cursos de licenciatura, verificando-se isso pelos avanços dessas discussões no meio acadêmico desses cursos, em especial no Brasil, com debates realizados em parceria com a AGB, como também por eventos direcionados apenas para discussão setorial sobre a História do Pensamento Geográfico (como exemplo: II Encontro Nacional de História do Pensamento Geográfico, em 2009, que ocorreu na USP, em São Paulo), como também as várias produções em livros sobre a temática.

3. ANÁLISES DAS ENTREVISTAS

Na tentativa de fazermos uma análise mais profunda da opinião sobre a disciplina de Introdução ao Pensamento Geográfico entrevistamos estudantes, graduados, a professora responsável pela disciplina, e analisamos o conteúdo programático.

Para procedermos às análises das entrevistas de forma sistemática seguimos a proposição de DUARTE (2004), em que "*Nesse caso, pode-se tomar o conjunto de informações recolhidas junto aos entrevistados e organizá-las, primeiramente, em três ou quatro grandes eixos temáticos, articulados aos objetivos centrais da pesquisa*." (p. 222, 2004)

Assim, pontuamos alguns eixos para análise da entrevistas dos estudantes e graduados (exceção da entrevista com a professora, pois, se trata de uma singularidade, um ponto de vista individual, e logicamente que fizemos uma análise específica adiante), os eixos norteadores foram: a opinião sobre a disciplina (dificuldade e outros apontamentos); o que eles acham dos autores clássicos tradicionais; como eles vêem o ensino da história do pensamento geográfico e suas produções, a fim de compreender a ciência geográfica; a importância dos clássicos tradicionais e da disciplina para a vida acadêmica e profissional.

A partir desses eixos desenvolvemos as análises e as críticas pertinentes, sendo: Os estudantes e graduados afirmam que a disciplina é importante, e ambos avaliam como boa, mas que poderia ser melhor, e fazem outros apontamentos, afirmando que é um conteúdo teórico bastante forte e que fica quase impossível de acompanhar os conteúdos passados em aula, e por isso fica a disciplina "exaustiva", "cansativa". Às vezes com o auxílio de algum suporte "didático", um livro ou texto com uma menor carga teórica – filosófica e de fácil leitura, contribui ao iniciante no estudo sobre história do pensamento geográfico.

Os entrevistados possuem pouco conhecimento das produções atuais sobre pensamento geográfico como, também, não leram nenhuma das matrizes clássicas, que apesar das dificuldades de acesso e a dificuldade de leitura, muitas foram reeditadas na íntegra ou em suas partes mais relevantes (principalmente em formato digital, disponível gratuitamente via internet), e deve ser um exercício incentivado na disciplina, já que faz parte da proposta pedagógica do curso dá esse suporte teórico.

No modo de compreender os clássicos hoje, um dos licenciado sinalizou sobre a importância de resgatar alguns temas que esses autores levantaram em seus momentos históricos, *"Praticamente não vemos os clássicos, e nem na disciplina diretamente, mas ao final do curso é que percebemos a falta que os clássicos fazem durante o curso, pois, eles dão uma base teórica. Acho que precisamos resgatar alguns temas e conceitos que esses autores criaram em seu momento histórico".* (Licenciado 3). Esse apontamento se faz necessário e fundamental, pois, não podemos avançar conceitualmente na geografia sem uma base teórica de valor histórico e filosófico. Ao se inquirir da importância dos clássicos tradicionais e da disciplina na formação deles como professores de geografia, as respostas se pautam apenas na importância desses pensadores para consolidar as bases teóricas para reflexão científica da geografia, mas, que "Não tive uma formação voltada para o ensino, portanto os clássicos não foram abordados com este víeis", essa questão levantada traz à tona uma questão bastante complexa que é percebida na maioria das disciplinas do curso em estudo: a falta de direcionamento das disciplinas para a formação do professor. E disciplinas como de HPG poderiam ter momentos para se discutir a relação da base teórica com a prática do professor.

Em relação à existência de algum rótulo ou preconceito sobre os estudos clássicos em relação aos estudos contemporâneos, a maioria dos estudantes respondeu que não observou a existência. Já os graduados, todos, responderam o contrário. É preciso que se atente, também, para a carga teórica da disciplina para estudantes do início do curso, pois possui 90h. Isso se encontra em evidencia na maioria dos entrevistados, talvez, uma melhor distribuição dos conteúdos e uma divisão da disciplina poderiam dar uma compreensão "otimizada". É preciso que se reflita o quanto isso vai interferir no processo de formação do profissional em geografia.

4. ANÁLISE DA ENTREVISTA VOLTADA À PROFESSORA

Foram diversas as perspectivas das respostas que a professora deu em entrevista, indo desde sua visão quando ainda era estudante de Geografia até a sua prática atual. Ela afirmou que, quando estudante, seu professor de HPG, usava basicamente o livro "Geografia Pequena História Crítica" para lecionar a disciplina, e que teve dificuldade em acompanhar os conteúdos da disciplina pela grande carga teórico–filosófica dos conteúdos, os quais foram ministrados de forma muito descritiva/narrativa.

Em sua prática profissional atual, a professora discorreu que planeja disciplina da seguinte forma: "O planejamento da disciplina se pauta em primeiramente analisar a história da geografia e suas as correntes de pensamento, e em seguida, analisar os pensadores/autores. Para isso, utilizo o livro Geografia: Ciência da Sociedade, de Manuel Correia de Andrade. Utilizo também o livro Geografia Pequena História Crítica (Moraes) e, em contraponto a esse, utilizo os dois livros sobre pensamento geográfico, Matrizes Clássicas; e Matrizes da Renovação, produzido por Ruy Moreira. Também uso o livro 'Por Uma Nova Geografia' do professor Milton Santos para dar uma melhor fundamentação teórica a respeito do conteúdo da disciplina".

Pelo exposto acima, percebe-se que a professora não trabalha diretamente com os clássicos tradicionais da geografia, e não desenvolve atividades que incentive a consultas dos mesmos. E sobre como ela aborda os geógrafos clássicos tradicionais, ela responde que ao utilizar os livros anteriormente referidos, leva o aluno a "conhecer os clássicos em diversos pontos de vista". A opinião da professora se identifica com grande a opinião dos

estudantes e graduados entrevistados, ao se referir da importância da disciplina para quem está cursando, afirmando que fica leva o graduando a conhecer a história da geografia e da história da geografia brasileira.

Não verificamos uma preocupação mais sistemática da relação entre teoria e prática, ou como os conhecimentos teóricos desenvolvidos na disciplina podem levar à reflexão sobre a prática do professor, assim como a relação dos conceitos propostos nos PCN's (Região, Paisagem, Território e etec) com a HPG; nem a relação entre os paradigmas atuais e o pensamento dos geógrafos clássicos tradicionais. A relação da disciplina com a práxis profissional se dá mais no nível de sua postura ideológica, evidenciada quando afirma que: "Leva-se ao questionamento de qual postura teórica eles tomarão como geógrafos, se eles reproduzirão "a geografia dos dominantes ou dos dominados". Podendo assim revelar um posicionamento à própria sociedade, como da própria ciência".

Outro aspecto importante é quando a professora responde a como ela vê os clássicos hoje: "Esses geógrafos foram importantíssimos cada qual no seu período histórico, e apesar deles fazerem partes de outro momento da geografia, eles também deram avanços para a própria geografia crítica, e para a geografia política". Assim como os alunos ela, mesmo contextualizando historicamente, acaba trabalhando a HPG por etapas, reforçando a idéia de recortes temporais, o que, a nosso ver, desfavorece a compreensão processual e dialética da construção-reconstrução dos paradigmas geográficos.

Por fim, em concordância com os alunos, a professora critica a carga horária da disciplina, principalmente por ser teórica e estar logo no período inicial do curso, onde as turmas possuem pouca maturidade conceitual. E aí temos alguns indicativos fundamentais para se repensar a disciplina de HPG: a carga horária; seus objetivos no processo de formação do professor (no contexto do Projeto Político Pedagógico do curso); sua metodologia de ensino-aprendizagem.

5. FAZER CURRICULAR EM RELAÇÃO AOS CONTEÚDOS PROGRAMÁTICOS

Ao observarmos os objetivos e as competências e habilidades anteriormente ressaltadas, é possível relacioná-las com os conteúdos da

disciplina, desenvolvendo-os como uma base teórica para compreensão e identificação das manifestações da realidade na própria evolução do pensamento geográfico. O trabalho dos diversos autores desde os geógrafos tradicionais, buscavam dar respostas às realidade na qual viviam, podemos assim citar Freidrich Ratzel, Vidal de La Blache, Elisée Reclus, dentre outros geógrafos tradicionais que fizeram análise das conjecturas do seu momento histórico, da mesma forma que os geógrafos contemporâneos fazem hoje. “Compreender os conceitos chaves do conhecimento específico”, pode ser uma rota metodológica eficaz e trará uma nova visão a respeito dos autores clássicos da geografia, sendo eles grandes criadores dos muitos conceitos fundantes da ciência geográfica.

A disciplina em sua totalidade curricular deve estar em consonância com as discussões acadêmicas atuais, como as releituras revisitações elaboradas recentemente de vários clássicos da geografia tradicional; com o projeto político-pedagógico do curso (objetivos, habilidades e competências); e com as demandas emergentes da formação profissional. A disciplina de HPG é formadora de opinião e, assim, é sempre necessário rever a disciplina como ponte e apoio para a melhor formação do professor, principalmente por ser do eixo epistemológico, que dá suporte ao balizamento entre teoria e prática, para pensar o que é ser geógrafo.

6. CONCLUSÕES

A história do pensamento geográfico tem como cerne a própria questão ontológica do que é ou não é Geografia. Os clássicos da geografia tradicional produziram essas bases ontológicas em seus diversos contextos socioespaciais. A Geografia é vista, nos livros adotados nas disciplinas de HPG, como um conjunto de correntes e escolas, assim, ela também se encaixa num modelo chamado de “geografias setoriais”, Ruy Moreira (2008), dividida em setores (dicotomias, visões opositivas) de diversos tipos, suas divisões vão desde em grandes áreas Humana e Física, a campos específicos (geografia urbana, agrária, geomorfologia, climatologia) às dicotomias de suas correntes, e de autores, deste modo de como conceber a geografia, MOREIRA (2008) e aponta,

> [...] ao lado da tradição das escolas vicejam o que podemos chamar de geografias setoriais. Por esse prisma, há o geógrafo urbano, o geógrafo agrário, o geomorfólogo... O defeito desse modelo é o abandono da prática de pensar o todo, que, mesmo que fosse um pedaço regional, fazia a fortuna da tradição das escolas. E o ilhamento do geógrafo nos seus compartimentos fechados (MOREIRA, p. 37, 2008).

A reflexão epistemológica da ciência é indissociável de sua prática: "crise e práxis", e "ensino de geografia"[2], ou seja, uma reflexão epistemológica e uma reflexão pedagógica (política-cidadã), ambas interligadas, porém a discussão é geralmente feita de forma "setorizada", o que atrofia e limita o debate, assim como limita a compreensão da geografia como algo dinâmico. Como ensinar geografia crítica, se não podemos compreendê-la como um processo? Andrade (*apud* Carvalho 2009, p.12) diz: "não se pode saber Geografia, senão estudar a história do pensamento geográfico". E nós concluímos: a forma de se conhecer a história do pensamento geográfico deve refletir a própria dinâmica dialética de seu desenvolvimento, a essência geográfica deve ser aí revelada. Forma e conteúdo coerentemente articulados.

A falsa dicotomia entre (passado) Geografia Tradicional e Geografia Crítica (presente), criando uma visão, em grande parte, não dialética e não processual, onde se costuma rotular os pensamentos desenvolvidos durante a chamada "Geografia Tradicional" como se fossem homogêneos, lineares ou "pré-críticos" (quase como sinônimos de "não-críticos"), empobrece a rica e complexa essência epistemológica do conhecimento/pensamento geográfico e falseia a verdadeira contribuição dos autores clássicos, enquadrados como tradicionais, para a identidade geográfica, para o desenvolvimento da geografia contemporânea, que em seus respectivos contextos históricos e científicos foram de grande capacidade crítica e criativa, a partir de suas bases teórico-metodológicas e políticas. Afinal, a criticidade não possui referencial único, ela é histórica e relativa.

---

[2] Essa afirmação foi retirada do artigo, "Os saberes profissionais do professor de geografia e sua formação" de Claudivan Sanches Lopes, as considerações deste autor estão baseadas no exame das teses e dissertações que versam sobre o ensino de Geografia, defendidas entre os anos de 1967 e 2003 nos programas de pós-graduação no Brasil. Segundo o autor, de um total de 317 teses e dissertações, "o foco temático formação de professores é tratado em 24 pesquisas (21 dissertações e 3 teses) e tratam da formação inicial do professor, das licenciaturas e da formação continuada de professores de geografia, com estudo de avaliação ou propostas de reformulação" (PINHEIRO, 2005, p. 89).

7. BIBLIOGRAFIA

ANDRADE, Manuel Correia de. **Uma Geografia para o Século XXI**. Recife. CEPE, 1993.

CARVALHO, A. A. T. . **Insurgência dos Estudos sobre a História do Pensamento Geográfico no Brasil nos Derradeiros Decênios do Século XX.** In: II Encontro Nacional de História do Pensamento Geográfico, 2009, São Paulo. II Encontro Nacional de História do Pensamento Geográfico, 2009.

CAVALCANTE, E. O.; ASSIS, Raimundo Jucier S. de . **O pensamento geográfico brasileiro enquanto problemáticas de Geografia Histórica mundial.** In: II Encontro Nacional de História do Pensamento Geográfico, 2009, São Paulo. Anais, 2009.

DUARTE, R. M. . **Entrevistas em pesquisas qualitativas**. Educar em Revista, Curitiba, v. 24, p. 213-226, 2004.

GEOGRAFIA, Curso de Licenciatura. **PROJETO POLÍTICO-PEDAGÓGICO**. Universidade Estadual Vale do Acaraú – UVA, Sobral, Ceará, 2006.

GOMES, H.. **REFLEXÕES SOBRE TEORIA E CRÍTICA EM GEOGRAFIA**. GOIÂNIA: CEGRAF/UFG, 1991. v. 1. 121 p.

GOMES, Paulo Cesar da Costa. **GEOGRAFIA E MODERNIDADE**. Rio de Janeiro, Ed. Bertrand Brasil, 1996.

MENDONZA, Josefina Gómez. **Geografías del Presente y del Pasado. Un Itinerario através de la Evolución Reciente del Pensamiento en Geografía Humana (1970-1885).** In: BALLESTEROS, Aurora Garcia. Teoría y Práctica de la Geografía. Madrid: Alhambra,1986.

MORAES, Antônio Carlos Robert. **GEOGRAFIA - PEQUENA HISTÓRIA CRÍTICA.** São Paulo, Ed. HUCITEC, 1983.

MOREIRA, Ruy. **O QUE É GEOGRAFIA**. São Paulo, Ed. Brasiliense, 2009. (Versão Digital): http://www.4shared.com/get/2TKl8RB7/O_que__Geografia_-_Moreira_Ruy.html

_____. **O pensamento geográfico brasileiro**, vol. 1: as matrizes clássicas originárias. São Paulo: Contexto, 2008.

PINHEIRO, A.C. **O ensino de Geografia no Brasil**: catálogo de dissertações e teses (1967-2003). Goiânia: Ed. Vieira, 2005.

SOUZA, C. G. ; SOUZA, Talina A. ; SANTOS, F. S. ; MENEZES, V. M. . **As Principais Correntes do Pensamento Geográfico**: Uma breve discussão da análise de lugar. Enciclopédia biosfera, v. 05, p. 1-11, 2009.